

FREUD, A ÉTICA E A CONSCIÊNCIA MORAL

Daniel Delouya

A eternidade da maçã: Freud e a ética, Flávio Carvalho Ferraz,
São Paulo, Escuta, 1994, 141 pp.

Confesso que foi a teimosia, a determinação com que defendeu Flávio *sua causa* frente a seus 'superiores' (tratava-se, afinal, da sua primeira pesquisa, a primeira dissertação), que dispertou de início minha curiosidade pelo seu trabalho. Por que insistiu tanto sobre o tema? Se a resposta não está na *maçã* — a força que dela emana, a atração que exerce sobre nós —, ao menos os efeitos desta se fazem presentes neste pequeno livro. A história da *maçã* condensa, de um lado, a sedução, o desejo e o prazer, e de outro, a consciência, a vergonha e a moral. Em outras palavras, ela se abre para os dois campos tradicionais da filosofia — a estética e a ética. No caminho que percorre na obra de Freud, o autor nos faz perceber que a radicalidade da contribuição freudiana consiste em que as duas, a ética e a estética, ancoram-se na mesma origem *natural*, ou seja, nas pulsões. Antes de adentrar estas questões, notamos que os dois eixos, o ético e o estético, são autotransparentes deste livro, encontram-se nele também entrelaçados: além da teimosia (a ética) da criação, o livro é instigante, escrito com um estilo próprio e as idéias são formuladas com clareza e fluência notáveis.

O livro trata da contribuição da psicanálise para o campo da ética (seguimos aqui a

escolha do autor de não distinguir entre a ética e a moral). Oriunda nas religiões e tendo sido o campo privilegiado de estudo da filosofia, a moral passou a ser objeto da psicologia (o desenvolvimento do julgamento e da consciência moral), da sociologia (a conduta moral e seus desvios) e da psiquiatria (a classificação dos 'distúrbios' e das tendências anti-sociais). Mas na psicanálise, em Freud, a noção da consciência moral, sua gênese, seu desenvolvimento e seus problemas ('patologias') são enfocados pela "indagação sobre a forma pela qual se *constancia* a encarnação" da ética "*no indivíduo e na cultura* através da formação da consciência moral" (p. 41, grifos nossos). É este princípio dialético da ética freudiana que a distingue dos demais, embora ela volte a tratar, em parte, dos mesmos temas.

Na primeira parte, Ferraz resume rápida e concisamente a questão da ética nos campos acima mencionados e o limite das suas contribuições. O último item da introdução revisa as contribuições psicanalíticas para os fenômenos e as formas clínicas da delinquência; temas que serão discutidos também na última parte do livro que trata das contribuições de Abraham, Klein e Winnicott. Mas o cerne do livro está na parte intitulada *A ética em Freud*.

Ferraz mostra uma construção lenta mas sistemática do conceito da consciência moral em Freud. São duas pedras fundamentais para este edifício: a renúncia e a culpabilidade. Desde cedo (1895) Freud faz coincidir o primeiro com o princípio da realidade, ou o domínio dos processos secundários (próprios do ego) sobre os processos primários, que regem as modalidades da descarga pulsional do inconsciente. O problema surge quanto a origem desta inibição (coibição ou defesa como fora articulada inicialmente a renúncia). O fato de que ela ergue muito cedo as barreiras morais expressas pelos sentimentos de vergonha e repugnância já a coloca no âmago da esfera social. A partir dos trabalhos sobre as neuroses atuais e até “A moral sexual civilizada...” (1908), há quem resgate um Freud libertário, crítico feroz da moral sexual vigente, responsabilizando a sociedade pela supressão da sexualidade. Contra esta popularização apressada de Freud em torno da oposição sociedade-pulsão, o autor mostra que desde 1905 “há algo inerente à própria pulsão que a conduz ao caminho da supressão” (p. 48), além de que o desejo encontra sustentação na própria proibição, na lei. Tendo recuperado este caráter ‘orgânico’ da pulsão — e elaborando a maneira pela qual as barreiras morais emprestam suas forças da intensidade pulsional, e como a energia desta está investida diversamente no contato com a civilização, seja através da sublimação ou da formação reativa —, o autor passa para o segundo termo do binômio, a culpabilidade. Em *Totem e tabu* (1913), a restrição violenta imposta pelo pai primeiro, de um lado, e seu assassinato pelo conjunto dos filhos, de outro, fundam conjuntamente a cultura — as leis do incesto e do parricídio na sociedade nascente dos irmãos — e no indivíduo a consciência, a culpabilidade. Mesmo levando em conta as

polêmicas em torno da construção freudiana — a crítica de uma *cultura já instituída* na própria horda e a insustentável suposição da transmissão hereditária dos precipitados estruturais do ato fundador —, o autor enfatiza a grande importância que têm para seu tema: “a gênese da consciência moral do indivíduo se dá em estreita conexão com a gênese da cultura”, sendo a *fantasia originária* garantia para que o Édipo mantenha, na suas bases, a universalidade de seu roteiro. Temos duas ressalvas para esta reconstrução: se o laço intermediário, o assassinato, vincula, segundo o autor, uma exigência de renúncia extremada com a culpabilidade, por que deve considerar a última como ‘pedra fundamental’ se ela decorre da primeira? Há um outro componente que o autor não leva em conta: para que a culpabilidade se constitua como tal (em decorrência do assassinato), Freud pressupõe uma ambivalência emocional constitutiva de cada membro da horda.

Já neste primeiro capítulo, embora tenha chegado apenas até 1913, Ferraz tece o essencial: demonstra que a moral em Freud repousa sobre uma dualidade dialética inerente à pulsão, mas esta não basta; para a geração da consciência moral é preciso que tenha uma contrapartida, que seja consubstanciada pela *realidade*. Isto é quase um princípio da obra freudiana, mostrando a pobreza da simples oposição sociedade (realidade-pulsão). Nos próximos capítulos, Ferraz delinea as modificações ocorridas na concepção da moral com a segunda tópica e a nova teoria das pulsões e seus reflexos na maneira que Freud apreende a civilização: alojada no superego, a função da consciência é “medir a diferença” (p. 66) entre o ego e seu ideal. A dualidade, antes interior à pulsão, polariza-se agora em pulsão de vida e pulsão de morte. Predominante, esta últi-

ma ameaça desligar-se, desintrinsicar-se da fusão que mantém com a primeira para voltar, como pura agressividade, contra o ego. Freud já tinha apontado a anterioridade do ódio sobre o amor (1915). Ao superego concede-se o amor dos pais para que transmita a 'voz' de seus ideais, vozes agressivas, culpabilizantes e inconscientes da consciência moral. Na única vez que o termo *mal-estar* (1930) aparece, Freud o atribui ao sentimento de culpa inconsciente inerente à civilização. "A civilização falida" (cap. 5) por não encontrar saídas — que não sejam parciais ou prejudiciais para o sujeito ou que não acarrete uma ameaça terrível da perda de amor — para a agressividade da pulsão de morte.

O autor aborda também temas conexos em Freud: a vinculação do caráter com os estágios psicosssexuais; a culpa como motor da travessura e para a delinqüência e suas reverberações na reação terapêutica negativa e nas diferentes formas do masoquismo, etc. Entre as tópicas, Ferraz dá um lugar humilde à tão propalada 'ética da psicanálise', mas mostra-se ousado ao fazer Freud vincular a 'escolha'/natureza dos sintomas com os padrões morais do sujeito. O binômio neutralidade-abstinência não é apenas condição necessária para a emergência da fantasia e do desejo inconsciente, mas compromete o analista e a análise com a verdade do sujeito. E há mais um aspecto desta moral: a contingência do objeto da pulsão implica uma *ética da tolerância* com respeito às escolhas amorosas do outro.

Além da fidelidade e do cuidado com o tema da moral em Freud, Flávio tem o mérito de explicitar os conceitos correlatos na justa e necessária espessura, evitando a fatigante análise ('filosófica') dos conceitos que tem caracterizado certas teses nesta área. Cita os filósofos (Pla-

tão, Hobbes, Kant, Nietzsche) que têm antecipado ou intuído as contribuições de Freud. Perspicaz, ele mostra na conversa que trava entre Kant, Lacan e Freud, que embora o primeiro queira seu *imperativo categórico* como princípio da *razão* (prática), Freud mostra sua ilusória autonomia e de que o direcionamento da vontade e o dever kantiano são fundados sobre a culpa, que tem como protagonistas a pulsão de morte e a ameaça da perda de amor; demole, assim, a suposta revolução copernicana de Kant no campo da moral. Maimonides (1135-1204), autor do *Guia dos perplexos*, parece-me o mais próximo de Freud (1930); segundo ele, a raiz da consciência moral é a *pulsão mal* (*yetzer hárá*), ou a pulsão de morte.

E por fim uma pequena discordância para distanciar, um pouco, da tentadora maçã que este belo livro oferece: Freud, como bem nota Ferraz, destituiu o estatuto metafísico do bem e do mal inserindo-o no âmago da subjetividade pulsional. No *Projeto* (1895), disse também que o choro do recém-nascido "adquire uma função secundária mas de extrema importância... *aque-la da compreensão mútua. A impotência originária [a demanda da mãe] do ser humano torna-se, assim, a primeira fonte de todos os motivos morais*" (*SE*, p. 379, grifos nossos). Se trilharmos por essas vias, a situação analítica — condicionada por um certo desvio da compreensão mútua e pela frustração, em grande medida, da citada demanda — pode ser conceituada no sentido contrário de qualquer ética ou moral.

Daniel Delouya é psicanalista, membro do departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e pós-doutorando do Núcleo de Psicanálise da PUC.